

Mulher de Liberdade e de Dignidade

Entendeu o Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa criar um prémio para galardoar personalidades que na sua vida se tenham distinguido na procura e na instauração da liberdade, que é sempre enriquecida quando iluminada pela fé.

Trata-se de uma relevante iniciativa, que pretende chamar a nossa atenção universitária e a atenção do público para exemplos que nos vêm da sociedade, e não apenas da Igreja, para contributos dados para a construção da liberdade no mundo. Para nós, que temos um entendimento evangélico da liberdade, é reconfortante constatar que existem exemplos, dentro da Igreja e fora dela, que atestam que o espírito de Deus sopra onde quer e inspira comportamentos livres. Existem lutadores pela liberdade que encontram na fé a força motivadora dos seus combates, existem outros que, no fundo do seu combate pela liberdade, encontram a fé. A fé está na origem e no resultado de muitos combates pela liberdade.

Entre as primeiras pessoas distinguidas, este ano, quis o Instituto apontar o exemplo da Dr. Maria de Jesus Barroso Soares, que me é dada a subida honra de apresentar.

A vida de Maria Barroso confunde-se com a luta pela liberdade, pela instauração de um regime não apenas de liberdade política, mas também de liberdade cultural, educativa e religiosa, de liberdade económica e social.

Esse combate pela liberdade custou-lhe a perda da liberdade cívica, sua e também de seu marido, com quem parti-



POR
Manuel Braga da Cruz

Professor Catedrático e antigo Reitor (2000-2012) da Universidade Católica Portuguesa. Membro do Conselho Editorial de *Nova Cidadania*

lhou a vida e os ideais de liberdade.

Mulher de arte e de cultura, sobretudo como actriz de teatro, bem cedo se insurgiu contra as formas de cerceamento da liberdade de criar e de exprimir, o que lhe valeu a interrupção de uma brilhante carreira nos palcos. O seu palco público ia por isso ser necessariamente outro, o da procura do espaço de liberdade para todos.

Enfrentou a adversidade, envolveu-se em combates políticos desiguais. Tomou partido publicamente, quando era proibido, para defender não apenas os que estavam privados de liberdade, mas pelos mais fracos, privados de dignidade. Bem cedo se tornou mulher de educação, e defensora, também ela, da liberdade de educação, de que seria arauto e intérprete ao longo da vida.

Quando raiou a madrugada da liberdade, Maria Barroso comprometeu-se

na construção de um novo regime e de uma nova sociedade. Foi constituinte, deputada, primeira dama. E também aí fez da liberdade e da solidariedade social a sua bandeira. Aberta a todos, tolerante e dialogante, inclusiva e promotora do bem comum, dentro e fora de portas, patriota e cidadã do mundo, Maria Barroso tornou-se uma bandeira do novo Portugal democrático.

Maria Barroso, a quem chamaram quando nasceu Maria de Jesus, estava porém fadada para outro encontro de liberdade, na sua vida. Quando jovem, no Teatro Nacional, interpretara de Ré-gio “Benilde ou a Virgem Mãe”. Havia de ser esse porventura o prólogo de um mais tardio reencontro, de “mães dolorosas”, aos pés do sofrimento do filho.

E Maria de Jesus, de mulher de liberdade que sempre fora, iluminada por esse encontro, livre por dentro, haveria de tornar-se na mulher de dignidade que hoje conhecemos, Mãe de muitos filhos, apostada em levantar gente do chão, pela promoção social de crianças, de refugiados, de idosos, de mulheres, de doentes ou deficientes, pela solidariedade e pela fraternidade, pela educação livre, pela afirmação da dignidade da pessoa humana.

O exemplo de Maria Barroso revela a todos nós como a liberdade, quando procurada com verdade, acaba por nos libertar, por nos abrir ao horizonte da liberdade plena. “A verdade vos libertará” na conhecida expressão de S. João (8.32). E tal como aconteceu a S. Paulo, o mais famoso convertido da história, essa libertação é um caminho, e constitui por isso um percurso progressivo de aproximação.

Maria Barroso há muito que se fez nossa companheira de caminho, de verdade e de vida. Percurso longo o que temos que fazer, até que a liberdade nos liberte plenamente na santidade. Conhecemo-la bem, identificada com o Homem integral que é símbolo da nossa identidade institucional, alfa e ómega da história humana. É por isso, um exemplo eloquente do que podem a liberdade e a fé, de mãos dadas, fazer à história de cada um de nós.

Temos acompanhado o seu trajecto de aproximação à Igreja, e não podemos deixar de admirar a sua capacidade de vencer o preconceito, de assumir publicamente o seu processo de conversão. Mulher de fé, porque interiormente livre, mulher de liberdade por amor da verdade.

Quem recordar Paulo de Tarso, ou

as Confissões de Agostinho de Hipona, ou Inigo de Loyola, na gruta de Manresa, ou Les grandes amitiés dos Maritain, antes de entrarem na Igreja, em Montmartre, com Léon Bloy como padrinho, sabe a coragem que pede a conversão para vencer resistências e incompreensões, para renunciar ao mundo e ir à conquista da “liberdade espiritual” dos santos, quem conhece estes exemplos sabe o “sofrimento” e a “secura” da perspectiva de renúncia, mas também a alegria e a paz imensa da recepção.

Maria Barroso, nossa amiga, é também uma mulher de paz, empenhada em combater todas as formas de violência. Há anos organizou connosco uma conferência internacional sobre a violência nos meios de comunicação social. Porque a violência fere não apenas a paz entre povos e nações, mas também a paz interior, porque a violência destrói a vida, não apenas a de pessoas, mas também a vida que graça no interior de todos nós, esperamos que Maria Barroso também defensora

da vida, venha a estar com o seu percurso, plenamente connosco nessa defesa.

Minhas Senhoras e meus Senhores, ao atribuir à Dr.^a Maria de Jesus Barroso Soares este prémio, o Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa quis seguramente agradecer uma antiga e devotada amizade e dedicação, tantas vezes manifestada, mas quis sobretudo enaltecer o sentido do percurso de vida de uma lutadora pela liberdade e pela dignidade humana. ■
in *Nova Cidadania*, Nr. 48, Outubro de 2012

Para a Querida Maria Barroso

Julguei-a eterna, imortal, uma rocha firme,
uma árvore estranhamente alta tendo em
conta a sua pequena estatura física.

É não apenas difícil mas talvez absurdo até escrever-lhe agora que já não está entre nós. A verdade é que, tendo podido, não fui ao seu funeral. Não foi o cancro, que já é do domínio público, o cansaço ou os quilos a mais, o cabelo mais embranquecido e curto que me travaram. Mas sou muito avessa a enchentes desta natureza e, embora nada tenha seguido nem pela televisão (também não a ligo muitas vezes), estou certa de que havia uma multidão a acompanhá-la. Também não sou próxima da sua família, apesar de conhecer o seu marido, melhor, os seus filhos, menos bem. Não me pareceu ser lá o meu lugar. Não tive vontade de a chorar diante de outros. E a verdade é que só ontem, dias depois da sua partida, se abateu com toda a força sobre mim a verdade dura de que não mais a verei,



POR
**Margarida
Sousa Uva**

Vice-presidente
da Associação
Portuguesa de Crianças
Desaparecidas

nem ao seu sorriso, não mais ouvirei a sua voz nem as palavras amáveis que sempre me reservava ao ver-me “Gosto muito de si”, enquanto a suas mãos, calorosas, apertavam as minhas com força. Acabou. Foi lendo um jornal do passado fim de semana que me dei realmente conta desse facto irreversível. Acabou. Não mais a verei, nem à sua frágil silhueta dos últimos anos. Julguei-a eterna, imortal, uma rocha firme, uma árvore estranhamente alta tendo em

conta a sua pequena estatura física, árvore de raízes fundas, que, vagamente sentia, havia de nos sobreviver a todos.

Primeiro contou-me o meu marido que, numa ocasião recente em que estiveram lado a lado, tinha sido ele a segurá-la, a impedi-la de cair. A seguir ao “obrigada” (por ter impedido a queda), seguiu-se o “Sabe que gosto muito da sua mulher”. Depois chegou a notícia do coma irreversível. Eu estava então em Bruxelas atarefada com mil coisas, médicos, fisioterapeutas, papelada que restava de uma mudança a que não conseguia vislumbrar o fim. Chegada de longe, a notícia parecia um boato. Não seria assim, ela resistiria, pensava um tanto distraidamente enquanto corria de um lado para o outro com a ajuda de um familiar. Veio-me à cabeça o “São loucas! São loucas!”, grito de Amália. E agora mesmo, sentada neste fim de tarde numa bonita varanda diante de dois gigantes, uma araucária e um cipreste, que se dividem entre o mar e o céu que têm por fundo, vejo claramente quão grande é a sombra que projeta ainda a diminuta figura que os anos lhe conferiram e como nos fará falta a todos. Aqui, preciso de lhe fazer uma confissão. Vezes houve em que julguei existir uma pontinha de vaidade a motivar algumas aparições públicas suas que fui presenciando de há tempos para cá. Julguei-a mal. Não queria ficar sentada em casa, como uma inútil, a ver televisão. Tinha toda a razão. Velhos são os trapos. Nós, quando a lucidez não nos deserta, somos sempre os mesmos, no princípio e no fim. O corpo velho contém ainda todos os desejos, todos os entusiasmos da juventude. Só o sonho se esbate por